

## PROCESSO FORMATIVO DE LIDERANÇAS QUILOMBOLAS

### QUILOMBOLA LEADERSHIP FORMATION PROCESS

### PROCESO DE FORMACIÓN DEL LIDERAZGO QUILOMBOLA

Kátia de Oliveira Lima <sup>1</sup> 0000-0001-8169-8479

Fabiane Maia Garcia <sup>2</sup> 0000-0003-0121-0416

<sup>1</sup>Secretaria Municipal de Educação - SEMED – Manaus, Amazonas, Brasil;  
katia.oliveira@semed.manaus.am.gov.br.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Amazonas- UFAM – Manaus, Amazonas, Brasil;  
fgarcia@ufam.edu.br

#### Resumo:

Este artigo é resultado de uma revisão integrativa que objetivou analisar o processo formativo de lideranças quilombolas que estão à frente das associações de moradores quilombolas. A pesquisa adota a revisão integrativa e enfoca discussões baseadas nas categorias da afrocentricidade de Michel Asante. Foram utilizados o Software Atlas ti e análise de conteúdo, para análise de resultados. A pesquisa traz em seu bojo a fala dos participantes das pesquisas em detrimento da fala dos pesquisadores. Os resultados da pesquisa evidenciam um novo entendimento do conceito de liderança pelas lideranças quilombolas, a participação dos Movimentos negro e do Movimento quilombola no processo de formação das lideranças políticas, o trabalho das demais lideranças curandeiras/rezadeiras e culturais/tradição para coesão da comunidade.

**Palavras-chave:** lideranças quilombolas; movimentos sociais; formação.

#### Abstract:

This article results from an integrative review aimed at analyzing the formative process of Quilombola leaders heading Quilombola residents' associations. The research adopts an integrative review method with adaptations and focuses on discussions based on Molefi Kete Asante's categories of Afrocentricity. Atlas.ti software and content analysis were used to analyze the results. The research prioritizes the voices of the study participants over the voices of the researchers. The results reveal a new understanding of the concept of leadership by Quilombola leaders, the participation of Black and Quilombola Movements in the political leadership formation process, and the work of other leaders—such as healers, prayer women (rezadeiras), and cultural/traditional figures—towards community cohesion.

**Keywords:** quilombola leaderships; social movements; formation.

#### Resumen:

Este artículo es el resultado de una revisión integradora que tuvo como objetivo analizar el proceso formativo de los líderes quilombolas que encabezan las asociaciones de residentes quilombolas. La investigación adopta la revisión integradora con adaptaciones y se enfoca en discusiones basadas en las categorías de la afrocentricidad de Molefi Kete Asante. Se utilizó el software Atlas.ti y el análisis de contenido para el análisis de los resultados. La investigación privilegia el discurso de los participantes de los estudios por encima de la voz de los

investigadores. Los resultados evidencian una nueva comprensión del concepto de liderazgo por parte de los líderes quilombolas, la participación de los Movimientos Negros y del Movimiento Quilombola en el proceso de formación de los líderes políticos, así como el trabajo de los demás líderes —como curanderos/rezanderos y figuras culturales/tradicionales— para la cohesión de la comunidad.

**Palabras clave:** liderazgos quilombolas; movimientos sociales; formación.

## Introdução

A constituição das associações de remanescentes de quilombo se intersecciona com elementos culturais, identitários, políticos e organizacionais. Se configurando como instituição essencial para a legitimação, manutenção da identidade quilombola a qual sendo coletiva se materializa por meio dessa instituição. Entidades sem fins lucrativos, são criadas pela necessidade de organizar sociopoliticamente a comunidade e representar os interesses dos comunitários.

As associações de moradores quilombolas têm em sua frente um representante, a liderança, a qual, geralmente se legitima através de um processo eleitoral no interior da comunidade e/ou associação. Um agente sociopolítico que mobiliza e representa os comunitários nas esferas públicas, sociais e culturais. Atuando como mediador entre a comunidade e as instituições externas. Outrossim, esse agente sociopolítico articula negociações para efetivação de políticas públicas, reivindica direitos e defende os interesses da comunidade. Considerando essa representatividade nos interessamos em analisar o processo formativo de lideranças quilombolas que estão à frente das associações de moradores.

Visando atender ao objetivo proposto, mergulhamos na literatura sobre liderança quilombola sob duas abordagens, a saber: no contexto do processo formativo formal e informal; trajetória. Em que nos deparamos com a conceituação da categoria liderança à luz de lideranças quilombolas, as quais a classificaram em dois eixos: lideranças informais que são curandeiras/rezadeiras e culturais/tradição; lideranças formais que são as políticas. Subvertendo a conceituação da literatura clássica sobre o que configura ser liderança.

Tendo em vista o exposto, compreendemos os elementos emergentes da busca na literatura a partir da revisão integrativa, a qual seguiu o protocolo de Ganong (1987), à luz das categorias analíticas da afrocentricidade, a centralidade, a agência e a localização psicológica, cultural e social (Molefi Asante, 2014). Em que a centralidade situa o negro como agente da sua história, destacando seu protagonismo e estratégias de resistência; a localização emerge no

reconhecimento da sua identidade negra, em um processo reconhecimento de pertença a grupo, sua pele, sua história, sua cultura, enfrentamento da construção social europeia do negro; a agência que remete ao negro como sujeito de ação negro e de transformação (Asante, 2014).

Para análise tabulação e análise dos resultados utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2021) com auxílio do Software Atlas ti

### **Vozes na pesquisa: revisão integrativa com pesquisadores e agentes na ciência**

A revisão integrativa é um tipo de pesquisa bibliográfica que se caracteriza sua potencialidade em fornecer dados sobre um fenômeno em particular, seja no quesito metodológico, teórico ou empírico. Comumente é utilizada no campo da saúde e no campo da educação. Considerada proveitosa quando se pretende a sistematização de publicações sobre um determinado tópico.

Para a operacionalização desta pesquisa utilizamos o protocolo de Ganong (1987), em que seguimos as etapas propostas por ele. Na 1ª etapa elaboramos a nossa questão para a pesquisa: Como se deu o processo formativo das lideranças das associações de moradores quilombolas, considerando suas trajetórias de vida e experiências educacionais ao longo do tempo?

Com base nesse questionamento, definimos como plataforma de busca e seleção de artigos o Google Acadêmico (Scholar), a 2ª etapa do protocolo. A escolha por essa plataforma de pesquisa considerou a abrangência sua diversidade de publicações. Ademais, o Google Acadêmico permite que o pesquisador aplique critérios práticos de exclusão e inclusão para seleção dos artigos, tais como o marco temporal, localização dos descritores, tipos de periódicos, ordem de relevância dos artigos e trabalhos derivados.

Na fase teste, busca inicial, lançamos na plataforma os descritores lideranças quilombolas e formação sem aspas para o último decênio o que resultou em um total de 16.000 artigos. Nesse processo, considerando nossa pergunta de pesquisa e buscando um refinamento dos artigos, em 16 de outubro de 2023 realizamos uma busca com os descritores "lideranças quilombolas" e "formação", entre aspas.

Para essa busca aplicando os seguintes critérios de exclusão e inclusão: artigos publicados no interim de 2018 e 2023, ordenados por relevância, em qualquer idioma, excluindo citações, com os descritores em qualquer lugar do artigo. Com vistas a análise dos artigos resultantes da busca e considerando a confiabilidade, bem como a necessidade de garantir o

rigor científico do banco de artigos incluímos como critério de exclusão e inclusão artigos publicados em periódicos classificados entre B4 e A1 pela QUALIS/CAPES 2017-2020, ter sido revisado por pares, e limitar a seleção a artigos publicados em periódicos de acesso aberto.

Os resultados dessa busca inicial serão detalhadamente apresentados no Quadro 1.

**Quadro 1** - Descritores iniciais revisão integrativa "lideranças quilombolas" e "formação".

Tema	Descritor	Resultados da busca
Lideranças quilombolas e educação	“formação” (e) “lideranças quilombolas” (437)	497 trabalhos encontrados. Ao aplicar os demais critérios de exclusão/inclusão, tais como artigos qualificados entre B1- A1 Capes quadriênio 2017-2020, revisados por pares e acesso aberto, selecionamos 342 trabalhos.
Lideranças quilombolas e educação processo educacional	“lideranças quilombolas” e “processo formativo” (60)	Realizamos a leitura flutuante em 40 artigos dessa busca, identificando que as lideranças apareciam mais como informantes, não havendo menção a trajetória ou processo formativo das lideranças das associações. O que apontou para a necessidade de modificar os descritores da busca, uma vez que apesar do retorno ter sido abrangente, foi insatisfatório no que tange aos objetivos da pesquisa.

Fonte: elaboração própria (2024) com base nos resultados da coleta de dados (2023).

Tendo em vista que os resultados da aplicação do protocolo de Ganong (1987) no banco de dados da nossa busca inicial, não contribuíram para responder nossa questão de pesquisa, em março de 2024 refizemos a pesquisa no Google Acadêmico (Scholar), em que repetimos critérios de inclusão e exclusão aplicados na busca anterior, mas a partir dos seguintes descritores: "lideranças" e "associações quilombolas", visto os objetivos da pesquisa (Quadro 2).

**Quadro 2** - Busca adicional de literatura. Descritores iniciais revisão integrativa "lideranças" e “associações quilombolas”.

Tema	Descritor	Resultados da busca
Lideranças de associações quilombolas e trajetória	"lideranças" e "associações quilombolas" (258)	258 trabalhos, sendo 63 excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão/exclusão. Sendo eleitos um total de 195 trabalhos para leitura do resumo, palavras-chave e conclusões. Durante a leitura preliminar desse banco de artigos emergiu o termo “presidente” em detrimento de “liderança”.

Fonte: elaboração própria com base nos resultados da coleta de dados (2024).

Considerando a emergência do descritor no âmbito do banco de artigos "presidente" e levando em conta que mudanças terminológicas podem trazer em seu bojo mudanças de sentido, políticas e ideológicas, realizamos uma busca complementar, a qual é apresentada no Quadro 3.

**Quadro 3** - Busca complementar de literatura "Presidentes" e "associações quilombolas"

Tema	Descritor	Resultados da busca
Presidentes de associações quilombolas e trajetória	"Presidentes" e "associações quilombolas" (47)	34 trabalhos não atendiam os critérios de inclusão e exclusão. Sendo selecionados 13 trabalhos para a leitura do resumo, palavras-chave e conclusões.

Fonte: elaboração própria com base nos resultados da coleta de dados (2024).

Os procedimentos de seleção dos trabalhos que compuseram nossa revisão integrativa seguiram os seguintes passos:

- Registro das datas em que as buscas foram realizadas;
- Tema central ou secundário: trajetória de liderança/presidente das associações quilombolas;
- Pesquisa na Plataforma Sucupira a partir do ISSN (Qualis 2017-2020);
- Registro em tabela: dados do artigo, objetivo, metodologia e principais conclusões.

Na 3ª etapa, partindo do tema central da revisão integrativa, formação de lideranças quilombolas de associações de moradores, iniciamos a leitura dos artigos integralmente no Atlas ti, onde selecionamos parágrafos como unidades de contexto, neles registramos nossas unidades de registro.

Para as etapas de análise e interpretação dos resultados adotamos a análise categorial (Bardin, 2021), na qual agrupamos as categorias e analisamos qualitativamente resultados e assim prosseguimos com a sua devida interpretação.

A priori, a seleção dos descritores ‘lideranças quilombolas’ e ‘formação’ levou em consideração sobre a sua precisão em relação ao tema da pesquisa, pois conforme apresentado, não nos trouxe os resultados esperados. Atentos a isso, elegemos descritores relativos ao processo formativo em uma perspectiva de processo, optando por ‘trajetória’ em detrimento de ‘formação’ e de ‘associação quilombola’ invés de formação, bem como na pesquisa complementar considerando o descritor ‘presidente’, o que será mais bem discutido no decurso da revisão.

## **A Formação de Lideranças Quilombolas na Literatura Científica**

Com o banco de artigos, iniciamos a leitura do material na íntegra. Um processo que demandou uma análise detalhada dos trabalhos, nos quais buscamos identificar e extrair informações relevantes intrínsecas à temática e que buscaram responder a nossa questão de pesquisa.

### Lideranças/presidentes associações quilombolas na literatura

Considerando que o descritor emergente "presidente" resultou em um número menor de artigos, iniciamos nossa leitura pelos 13 trabalhos pré-selecionados. Nos trabalhos pré-selecionados esse descritor emerge nos seguintes contextos (Quadro 4):

**Quadro 4** - Escopo Presidente

Trabalho	Contexto
Clemente, 2020 (MG) A3; Pinheiro, 2019 (RS/BR) A2; Florêncio e Martins, 2020 (BA/BR) B2; Leal e Boakari, 2023 A1; Lima e Macêdo, 2020 (BA/BR). Guedes e Salgado, 2018 (PA/BR) B3. Eugênio et. al., 2020 (BA/BR) B1	Presidente da associação como informante
Oliveira e Matta, 2022 (AM/BR) B1	Presidente da associação como mediador
Sabino, 2018 (RJ) B4; Silva e Aguiar, 2022 (TO/BR) B2	Presidente da associação – citado no contexto de luta e representatividade
Santos e Santos, 2020 (PE/BR) B3; Leão et. al 2023 (PA/BR) A2	Presidente da associação – citado
Rocha, 2019 (AM/BR) B3	Presidente da associação – sujeito da pesquisa

Fonte: elaboração própria (2024) com base nos resultados da coleta de dados (2024).

Constatamos, que em apenas um dos trabalhos o descritor "presidente" estava sendo utilizado para se referir ao agente que está/esteve à frente da associação quilombola, em que sua trajetória e processo formativo se destaca.

O artigo de Rocha (2019), o qual aborda o movimento social quilombola do Rio Andirá (2005-2018), a partir das memórias de mulheres que estiveram envolvidas no processo de luta, na agência de mudança e reconhecimento identitário. Trata-se de uma pesquisa de campo, desenvolvida a partir da história oral. Entre os recursos de coleta de dados, destacam-se as entrevistas e a análise documental.

O estudo foi atravessado pela trajetória de Maria Amélia, sua filiação, seu protagonismo no reconhecimento coletivo da comunidade do Andirá (Amazonas), enfatizando o entrelaçamento entre memória e tradição com as redes externas para os acessos aos dispositivos constitucionais.

Entre as principais conclusões do pesquisador, destacamos os caminhos e processos da "luta dos novos quilombos", para os quais a identificação coletiva é processo, construção e só pode ser entendida levando em conta contextos históricos e políticos.

No que diz respeito ao uso do descritor "presidente" e "liderança" nesse trabalho, notamos que o autor utiliza o termo "presidente" para se referir ao agente que está à frente da Federação. Entretanto, em determinados momentos, ele se refere a esse mesmo agente como sendo uma "liderança", o que nos leva a concluir que há uma interseção entre os conceitos de liderança e presidente, como categoria que exerce influência na comunidade.

Quanto à revisão integrativa sobre "lideranças quilombolas" e "trajetória", dos 195 artigos pré-selecionados, após realizarmos a leitura flutuante (Bardin, 2021), selecionamos 26 artigos que se relacionavam diretamente com as lideranças, como sujeitos dos estudos. Ao realizar a leitura na íntegra dos artigos do nosso banco inicial, 14 textos foram excluídos, pois as discussões não se relacionavam com os processos formativos das lideranças das associações quilombolas, tampouco com suas trajetórias antes e durante seus "mandatos", estando a grande maioria relacionada às atividades desenvolvidas por esses agentes enquanto líderes em uma perspectiva de atribuições.

Neste contexto, elegemos 12 trabalhos para compor a nossa revisão, a partir dos seguintes temas e contextos (Quadro 5):

**Quadro 5** - Escopo da literatura – liderança.

Tema	Trabalho	Contexto
Trajetoórias de lideranças e associa�es quilombolas	Ferreira e Silva, 2020 (PE/BR) B2. Duarte, Grossi e Almeida, 2021 (MG/BR) 2021, A3.	Protagonismo das mulheres quilombolas
Associa�es quilombolas e Trajetória de lideranças	Ferreira, Eiterer e Miranda, 2020 (MG/BR) A1.	Protagonismo das mulheres quilombolas
Trajetoária de lideranças de associa�es quilombolas	Furtado e Silva, 2018 (MA/BR), B3. Muniz e Siqueira, 2021 (GO/BR) B1. Oliveira e Alves 2021 (ES/BR) A3. Reis, 2020 (SC/BR) B1. Santana e Eug�nio, 2019 (BA/BR) B2. Teixeira e Macêdo, 2020 (BA/BR) B1. Costa e Medeiros, 2021 (PA/BR) A2. Correa e Silva, 2022 A4. Cruz e Torres, 2023 (TO/BR) A2.	Processo formativo da liderança

Fonte: elabora o própria (2024) com base nos resultados da coleta de dados (2024).

Os temas e contextos consideraram a indissociabilidade da trajetória e processo formativo desses agentes entre a educa o e a "política como mecanismos de reivindica o" (Furtado; Silva, 2018, p. 11). A discussão seguir  a seguinte ordem: Trajetória de lideranças de associa es quilombolas (Tema) no contexto Protagonismo das mulheres lideranças quilombolas; Associa es quilombolas e trajetórias de lideranças (Tema) no contexto

Protagonismo das mulheres lideranças quilombolas e concluindo com a Trajetória de lideranças de associações quilombolas (Tema) no contexto do Processo formativo da liderança. Esperamos ao final, não apenas sinalizar lacunas, como também identificar conceitos, abordagens teóricas e metodológicas sobre a temática.

### **Análise à luz da afrocentricidade**

Afrocentricidade, conforme proposto por Asante (2014) é uma abordagem que coloca os africanos e a diáspora africana no centro das análises históricas, culturais e sociais. Indo de encontro com as perspectivas etnocêntricas. Enfrenta um conjunto de crenças que sofrem distorções advindas do pensamento eurocêntrico e que têm sido predominantes no discurso acadêmico.

Provoca e potencializa a descolonização intelectual, psicológica, cultural e social, em um contexto em que ainda estamos sob a égide do colonialismo, em que as regras e os padrões seguem uma estrutura na qual racialização ainda é evidente.

Diante disso, apresenta a centralidade, a agência e a localização psicológica, cultural e social como categorias analíticas (Asante, 2014). Onde a centralidade faz referência ao povo negro como mestre da sua história, a agência remete ao sujeito negro como agente de ação, transformação, ideias e culturais, e a localização como um processo de tomada de consciência, de pele, meio, preocupação e interesse com questões da população negra (Asante, 2014).

No artigo de Duarte, Grossi e Almeida (2021), as pesquisadoras propõem compreender as experiências sociais de mulheres quilombolas no âmbito das políticas públicas, considerando as interseccionalidades de gênero, raça/etnia, classe social e geração, no Rio Grande do Sul. Para isso, realizaram uma pesquisa exploratória, aplicaram entrevistas semiestruturadas que contou com lideranças femininas. Como principais resultados asseveram que há uma luta permanente por parte dessas lideranças para manter tanto o pertencimento, quanto a identidade quilombola, em especial para os mais jovens.

Nesse artigo notamos que em detrimento de trajetória as pesquisadoras adotam experiências para relatar atividades e vivências das lideranças femininas. O processo formativo das lideranças emerge em um sentido implícito, a partir da incursão das suas experiências, com ênfase para a formação oferecida pelo Movimento Negro e uma equipe multidisciplinar, evidenciando a relevância sociopolítica das lideranças, as quais criaram a associação.

Destacam que o reconhecimento por parte dessas agentes como remanescentes de quilombo em perspectiva de localização se compreender quilombola em uma diáspora, foi fomentado pela formação oferecida pelos movimentos negro e quilombola no âmbito da comunidade.

Ferreira, Eiterer e Miranda (2020), analisam a estratégia de mobilização de um grupo de mulheres moradoras da Comunidade Quilombola Mato do Tição, na construção de suas identidades. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da etnografia.

Destacam que no interior da comunidade há, segundo as próprias lideranças, três categorias de lideranças, a saber: a Liderança em política para aquela que está à frente das mediações com o Estado; a Liderança religiosa (curandeira) e a Liderança de tradição cuidam das festas, rezas (cultura). Essa definição foi cunhada pela liderança Maria Ferreira da Comunidade Quilombola Mato do Tição (MG), a qual também é autora do artigo.

Sobre o processo formativo da liderança política, os pesquisadores destacam que esse se constituiu no âmbito da representatividade. O que implica dizer que, ocorreu a medida do desenvolvimento de suas atividades enquanto agente sociopolítico na Associação. Nesse caso, ser presidenta da Associação constituiu a liderança.

Ferreira e Silva (2020) propõe destacar as lutas e a trajetória sociopolítica de Valdeci Ana dos Santos Nascimento enquanto mulher, professora e liderança do Quilombo Poço dos Cavalos em Itacuruba, fundadora da Associação Quilombola da Comunidade. No que diz respeito à metodologia, os pesquisadores adotaram uma abordagem qualitativa e a história de vida.

Discutem a história de vida da liderança do ponto de vista sociopolítico, o qual perpassa pelos aspectos culturais e envolve compreensão das dinâmicas de poder, resistência e representatividade presentes nos relatos das lideranças. Traçaram um trajeto da vida da liderança que contempla desde a sua infância, período em que se autoalfabetizou, à graduação. Oferecendo uma visão geral do processo formativo, entre elementos formais e informais, bem como a relevância de lideranças informais na manutenção e coesão da comunidade.

Destarte apontam atividades que a liderança desenvolveu durante algum tempo na comunidade, atuando como catequistas pela Igreja Católica. Nesse enredo destacam o permanente processo formativo e a organização sociopolítica da liderança frente a formação da associação quilombola, bem como a sua participação no Movimento Quilombola (CONAQ). Nas suas conclusões ressalta-se o envolvimento das mulheres quilombolas na organização do movimento quilombola.

Destarte, Duarte, Grossi e Almeida (2021) e Ferreira e Silva (2020) apontam para o protagonismo das lideranças quilombolas femininas no processo de transição de uma identidade camponesa ou laboral marisqueiros, pescadores à autoidentificação como remanescente de quilombo.

Os doze artigos a seguir abordam Trajetória de lideranças de associações quilombolas (Tema) e no contexto do Processo formativo da liderança. Trazem pistas contundentes sobre o processo formativo de lideranças quilombolas. Iniciando com o trabalho de Furtado e Silva (2018) que propõe em seus objetivos apresentar articulações quilombolas no Maranhão e suas expressões próprias de um fazer movimento social.

A pesquisa se desenvolve a partir de um redesenho da etnografia e com uso de entrevistas. Sobre o processo formativo das lideranças, os pesquisadores destacam o projeto “formação de lideranças do MOQUIBOM”. Apesar de não se tratar de um agente específico, nomeado liderança, apresentam um movimento coletivo de formação de lideranças quilombolas, sob a égide da formação política com foco na “formação qualificada que incentive as comunidades a outo demarcar seus territórios e terem mais autonomia” (Furtado; Silva, 2018 , p. 225).

Nesse cenário, aludem que no ano de 2017 foi inaugurada a Escola de Formação Política Negro Cosme, que reuniu líderes para debater sobre temáticas relativas a movimentos sociais, direitos territoriais, saúde e educação quilombolas. O que segundo relato de uma das lideranças além de ser necessário, contribuiu para o entendimento do que é ser quilombola, em um movimento de localização da identidade racial, cultural e social. Ademais, os pesquisadores afirmam que esse movimento conta com entidades sindicais, grupos de pesquisadores e instituições de ordem confessionais.

O artigo desenvolvido por Oliveira e Alves (2021), analisa as concepções de duas lideranças acerca das lutas por território e patrimônio cultural. Desenvolveram a pesquisa a partir da abordagem etnossociológica estudo de campo com auxílio de entrevistas. Os pesquisadores discutem o processo formativo das lideranças em uma perspectiva geracional e formal, adensando os saberes.

No que tange ao processo formativo das lideranças traçam um processo de escolarização que percorre os anos iniciais cursados no âmbito da comunidade e na comunidade ressaltando os desafios do percurso de casa a escola. Ambas as lideranças conseguiram concluir o Ensino Superior, com o auxílio de Programas do Governo Federal, sendo uma licenciatura em Pedagogia e outra Administração, reforçando a existência do processo de formação como parte do fortalecimento ou consolidação da liderança política.

Sobre o processo da formação política, os pesquisadores traçam um trajeto desde os primeiros passos. Destacando que uma das lideranças (A) iniciou com a catequese, assumiu a coordenação da igreja católica e somente após essas atividades passou a fazer parte da organização da Associação. Já a liderança B começou suas atividades na comunidade no âmbito do Conselho da Igreja, seguindo para atividades no Conselho da Comunidade até a Associação.

Muniz e Siqueira (2021) abordam experiências e trajetórias de mulheres protagonistas na efetivação dos constitucionais direitos territoriais da Comunidade Quilombola Kalunga. A pesquisa se desenvolveu a partir de uma abordagem qualitativa histórica.

Sob o prisma da categoria gênero os autores discutem o processo de efetivação dos direitos territoriais da comunidade. Ressaltam, na trajetória das lideranças femininas, recortes das suas histórias de vida, bem como do seu processo formativo. É possível identificar nos relatos das lideranças que o contexto educacional formal vai se modificando de acordo com a idade das agentes lideranças, sendo da mais velha um estado de não-letramento até a mais jovem com ensino superior. No campo da formação política salientam a relevância do aprendizado geracional sociopolítico desenvolvido no processo de atuação das lideranças como agente social.

O artigo de Reis (2020), desenvolvido como uma pesquisa de campo, utiliza a interseccionalidade e demarca lógicas e saberes a partir de experiências. No artigo a pesquisadora apresenta o trajeto das lideranças da associação, uma mulher de 65 anos e outra de 34 anos de idade. A mais velha relata que não estudou na juventude, tendo aprendido a ler e escrever a partir de um projeto de educação no campo desenvolvido em parceria com o MNU/SC já na fase adulta.

A vice-liderança, que na época da pesquisa estava com 34 anos de idade, era bolsista, cursava o Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre as atividades que antecederam a liderança da Associação, ressalta o trabalho doméstico fora da comunidade e o trabalho como educadora do MNU na comunidade. Nota-se que esse processo foi importante para o processo formativo dessa liderança, visto que foi assim que se entendeu como mulher negra. A liderança enfatiza a relevância das experiências e saberes dos mais velhos nas tomadas de decisão, os quais constituem um conselho.

Com base nos relatos das lideranças apresenta três tipos de liderança: liderança sociocultural pessoas mais velhas influentes na comunidade; liderança religiosa são as benzedoras e curandeiras de algum tipo; e liderança política, que consistem nas pessoas que representam a comunidade frente ao Estado, diretamente envolvidas nas lutas por direitos

quilombolas da comunidade. E conclui falando sobre a relação entre o cuidado da mulher e o exercício da liderança.

A luz da etnografia e da história oral, com uma abordagem qualitativa, Santana e Eugênio (2019) relacionam raça e gênero nas trajetórias ocupacionais com mulheres quilombolas, entre elas lideranças. Os pesquisadores apresentam experiências e vivências dessas mulheres. Relatam vivências de uma das lideranças que já esteve à frente da Associação e que no período da pesquisa atuava no Conselho Quilombola do Município.

Quanto à trajetória pessoal e política dessa liderança, os pesquisadores não apresentam elementos sobre sua formação escolar, mas comentam que a mesma estava matriculada em um curso técnico profissionalizante. No que tange a outros elementos formativos no campo da representatividade frente à Comunidade, destacam a sua participação nas atividades religiosas da igreja católica no âmbito da comunidade.

O artigo de Teixeira e Macêdo (2020) realizado sob o prisma da etnografia e a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando recursos como observação e entrevistas, e análise de conteúdo temática, as pesquisadoras propõem o conhecer as histórias e memórias de uma comunidade quilombola. As pesquisadoras não deixam evidente se alguma dessas lideranças estava à frente da Associação no período de realização da pesquisa.

De início as pesquisadoras destacam que os agentes da pesquisa são lideranças da comunidade, com idade entre 59 e 89 anos, e que não há entre elas quem tenha concluído o ensino fundamental. Todas atuaram na associação quilombola. Ainda sobre os processos formativos, as pesquisadoras indicam que após reivindicação da comunidade, em 2018 funcionou uma sala de aula na Associação voltada para alfabetização de jovens e adultos da Comunidade, tendo sido uma oportunidade para essas lideranças se alfabetizarem. Nas conclusões apontam que o processo de reconhecimento e certificação da comunidade (mediado pela associação) como um elemento fundamental para a visibilidade dos moradores.

Costa e Medeiros (2021) propõem analisar a formação de uma liderança, a partir da história oral. Definem lideranças quilombolas como agente coletivo. Sobre a formação da liderança, presidente da associação quilombola, destacam que escolheu que a liderança cursou a EJA, ensino fundamental, bem como o trabalho que a liderança como catequista na comunidade e concomitantemente desempenhou a atividade de diretor sindical, antes de assumir a presidência da associação.

Dentro desse cenário, indicam que o movimento na Igreja e no Sindicato, e logo depois o envolvimento nos Movimentos comunitários e sociais como elementos fundamentais para o processo formativo desse agente enquanto representante da comunidade, com ênfase para o

trabalho na Igreja. Além disso, destacam a idealização de projetos desenvolvidos em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Um projeto resultante do movimento de luta e de formação de jovens lideranças da comunidade.

Correa e Silva (2022) objetivam demonstrar a importância da educação no processo de territorialização e pertencimento. O estudo foi desenvolvido a partir de um estudo de caso com uso da cartografia com a utilização de entrevistas. Entre os temas discutidos, abordam a trajetória da liderança da associação, uma mulher quilombola.

O texto evidencia, por meio de relato, que a liderança sempre esteve ligada à militância. Iniciando suas atividades como agente social ainda na adolescência, por meio da participação nas comunidades eclesiais de base comunitária da Igreja Católica, em que havia reuniões que tratavam dos direitos à terra, além da participação na Pastoral da Terra, onde aprendeu a se engajar nas lutas coletivas. Os pesquisadores abordam elementos do processo educacional da liderança e nas conclusões não retomam a trajetória da liderança.

Por meio da história oral, Cruz e Torres (2023) analisam relatos orais de lideranças quilombolas, registrados em entrevistas. Ao se referir a liderança, sujeito da pesquisa, as pesquisadoras não delimitam seu local de atuação, se no âmbito da comunidade ou em instituição (associação), contudo relatam como sendo uma jovem liderança e uma das protagonistas pelo reconhecimento do território da comunidade.

Apresentam a trajetória de vida da liderança. No que tange ao seu processo formativo, da educação formal não retratam a trajetória, mas indicam que essa agente social cursou o ensino superior. No âmbito dessa discussão, aludem a relação de lideranças com suas ancestrais e com o entendimento da comunidade do que é ser remanescente de quilombo. Indicando a relevância de lideranças informais para coesão e manutenção da comunidade.

Destacam nos relatos, da liderança, a autoformação da liderança a partir das leituras e apropriações de documentos no âmbito do jurídico e de direitos quilombolas, como forma de potencializar a sua percepção sobre a identidade quilombola, logo das suas atividades frente ao processo de reconhecimento da comunidade.

Ademais, consideram a relação entre identidade negra e a identidade quilombola. Importa sublinhar que a identidade quilombola perpassa pela identidade negra, e conforme assevera Souza (2021, p.18) "saber-se negra viver experiência na clara e sua identidade confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar

em suas potencialidades". Neste ponto, ao reconhecer a imbricação com o ser negro, aludem o reconhecimento a sua ancestralidade.

Nas conclusões as pesquisadoras não retomam o processo formativo da liderança, entretanto ressaltam a imbricação entre o processo de reconhecimento da comunidade e de pertencimento decorrente da construção identitária quilombola, que ao longo do texto se mostram inerentes ao processo formativo da liderança.

## Resultados e Discussões

Tratando o tema das trajetórias das lideranças quilombolas identificamos o protagonismo feminino em que as mulheres quilombolas emergem como sendo as agentes que estão a frente não apenas das Associações, como também dentro da Comunidade em espaços que historicamente foram centrados na figura masculina. Conjugando uma tripla representatividade, ser mulher, ser negra e ser quilombola.

Os artigos abordam as experiências formativas das lideranças femininas em uma perspectiva sociopolítica, imbricada a instituição da associação quilombola. Ademais, convergem em suas discussões ao indicar a participação dos Movimentos Negro e Quilombola para o processo formativo dessas agentes, bem como sobre o protagonismo feminino frente a comunidade e o Estado.

No que diz respeito a metodologia, notamos que a maioria da metodologia adotada inclui pesquisa em *lócus* (campo), contemplando estudo de caso, história oral, pesquisa etnográfica e história de vida e apresentam objetivos distintos, mas por vezes intercambiáveis.

Todas essas abordagens metodológicas primam pela visibilidade e pelas vozes dos agentes da pesquisa. Diante disso, consideramos que as abordagens metodológicas supracitadas apresentam em sua gênese, potencial em contribuir para que as experiências, ancestralidade, vivências e saberes desses agentes, se apresentem como elementos do seu protagonismo. E que desta forma, suas trajetórias possam ser registradas à luz de seus relatos, no sentido de dentro para fora.

Partindo do princípio de unidade temática apontaremos as convergências e divergências entre os pesquisadores sobre o processo formativo das lideranças quilombolas e elementos que o atravessam.

No que concerne à educação formal dessas lideranças, notamos que o acesso ou a exclusão aos espaços escolares está diretamente relacionado à idade desses agentes. Entre as lideranças mais velhas, a impossibilidade de frequentar os espaços escolares foi

significativamente maior do que entre as lideranças mais jovens. Dentre estas últimas, inclusive, encontram-se lideranças com nível superior.

Esse cenário pode indicar que as políticas recentes de democratização do acesso à educação básica têm alcançado territórios e populações historicamente alijados das políticas educacionais. Isso se evidencia nos relatos das lideranças mais jovens, que relatam a existência de escolas no âmbito da comunidade e o acesso ao nível superior, imbricado com políticas públicas de acesso e permanência, tais como o PROUNI e/ou bolsas estudantis.

No que tange ao entendimento sobre o que é ser liderança quilombola destacamos que Ferreira, Eiterer e Miranda (2020) e Reis (2020) apresentam, cada um, três tipos de lideranças. Apresentando a liderança religiosa (curandeira, benzedeira) como aquela conhecedora das propriedades de elementos da natureza e de possuidora de saberes e práticas ancestrais quilombolas, utilizadas em processo, rituais de tratamento e cura pela natureza e pela fé.

Na segunda categorização, temos o conceito de liderança divulgado por Nathália Reis (2020) retratando a fala de Preta Quilombola, vice-presidente da Associação Quilombola da Aldeia (SC), de liderança sociocultural como sendo a liderança que exerce poder nas decisões que serão tomadas em um coletivo, apresentando como um características a idade. É uma liderança exercida por comunitários mais vividos. Nessa linha, Ferreira, Eiterer e Miranda (2020) categorizam a Liderança de tradição que atua diretamente com a cultura da comunidade, à luz de liderança Maria Ferreira da Comunidade Quilombola Mato do Tição (MG), autora do artigo.

E na terceira categoria temos a Liderança política que atuam na representatividade da comunidade, aquela que se inteira dos documentos, nas atividades burocráticas da associação, estando diretamente envolvida com a organização sociopolítica e reivindicação de direitos quilombolas, bem como com as articulações com outras entidades e desenvolvimento de trabalhos e projetos no âmbito da Comunidade e/ou Associação.

Podemos dizer as pesquisas de Furtado e Silva (2018); Costa e Medeiros (2021) sobre a formação das lideranças no que diz respeito a formação política convergem quanto a intersecção entre sindicatos, grupos de pesquisa institucionalizados, movimentos comunitários e da igreja para esse processo formativo. Não obstante, Furtado e Silva (2018) enfatizam o envolvimento do Movimento Quilombola, enquanto Costa e Medeiros (2021) ressaltam o trabalho desenvolvido na Igreja.

Oliveira e Alves, 2021, Correa e Silva (2022) e Santana e Eugênio (2019) apresentam em comum a participação das lideranças em atividades da Igreja, como elemento que atravessa o processo formativo das lideranças, enquanto Nathália Reis (2020) destaca a participação no

Movimento Negro Unificado, não apenas para a formação política, como também identitária quilombola.

Já Cruz e Torres (2023) e Muniz e Siqueira (2021), de certa forma destacam a autoformação política, uma pela apropriação de documentos e legislação pertinente às comunidades remanescentes de quilombo, outra pelo aprendizado geracional, aquele desenvolvido por outras lideranças que antecederam, as agentes sociopolíticas sujeitas da pesquisa. Teixeira e Macêdo (2020) se limitam a apresentar o processo de educação formal das lideranças, não trazem pistas sobre sua formação política.

Quando analisamos a influência dos sindicatos e da Igreja nesse processo formativo notamos que os Sindicatos rurais como uma das primeiras organizações de mobilização social campesina. Sendo, portanto, compreensível e até mesmo esperado que lideranças quilombolas, em especial as mais velhas, apresentem seu processo formativo político atravessado por ele.

No que concerne à participação em atividades da igreja notamos que além de proporcionar interação no âmbito da comunidade, adicionam a confiança dos comunitários a esses agentes sociopolíticos. Esse pode ser considerado um resquício das atividades ligadas à Teologia da Libertação, um Movimento religioso.

A relação entre as atividades contemporâneas no processo formativo político de lideranças quilombolas e a Teologia da Libertação se evidencia na participação de líderes, antes de suas atividades frente a Associação, na Pastoral da Terra (CPT), a qual tem suas origens interligadas com esse movimento. Ao analisar a fala do pesquisador torna-se evidente o caráter político e social das atividades desenvolvidas pelo Movimento, bem como sua relevância para a transição entre a organização comunitária e a política. Essa participação é uma maneira de se aproximar dos movimentos sociais.

Já com as atividades nos sindicatos, as lideranças consolidam a participação em movimentos sociais e na luta por direitos quilombolas e nesse contexto emerge a parceria com os grupos de pesquisadores, a qual atravessa os conhecimentos locais e globais nesse processo formativo. Sobre isso, Bento (2022, p.40) comenta que "o Brasil conta com uma multiplicidade de organizações espalhadas por todas as regiões, atuando de forma coletiva no combate ao racismo e na luta por um país mais justo, com igualdade de direitos e oportunidades". Essas organizações são fundamentais para articulações de luta coletiva contra colonial.

Ainda na seara de formação de lideranças e movimento sociais, identificamos a influência dos Movimentos Negro e Quilombolas no processo de formação política desses agentes sociopolíticos (Santana; Eugênio, 2019; Furtado; Silva, 2018; Reis, 2020). Quando falamos em formação política nos remetemos a um processo de desenvolvimento de

apropriação de conhecimentos relativos a compreensão da identidade quilombola e a ação das e nas estruturas de poder que modelam a sociedade, por meio da organização coletiva institucionalizada via associação quilombola

Essa abordagem emerge da própria análise da revisão de integrativa, na qual os autores se referem a formação de lideranças, no âmbito das ações e movimentos sociais como “formação política” (Furtado; Silva, 2018; Cruz; Torres, 2023; Correa; Silva, 2022), por meio da qual esses agentes se apropriam de temas relativos aos direitos e estratégias de mobilização.

Aqui enfatizamos a importância de nomear os movimentos negro e quilombola, não como movimentos em defesa de povos tradicionais, mas especificamente como movimentos da população negra e quilombola. Evidenciando suas contribuições para a organização sociopolítica, bem como para destacar a identidade e a agência dessas populações, sublinhando suas demandas por reconhecimento, pertencimento e direitos identitários.

Nos relatos dos textos fica evidente o tornar-se quilombola, o identifica-se como tal, como elemento central do processo formativo de lideranças e conseqüentemente da organização social (Ferreira; Eiterer; Miranda, 2020; Furtado; Silva, 2018.; Muniz; Siqueira, 2021). Processo que perpassa pela compreensão de um passado escravocrata e pela negritude, dois elementos marginais na sociedade brasileira. Sobre isso Souza (2021, p.115) alude que ser negro é

tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Tomar posse dessa consciência e criar uma consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Analisando a fala da pesquisadora, podemos dizer que a identidade negra se constrói em um processo contra ideológico, de ressignificação do ser negro na sociedade, o qual em um processo de devir desafia narrativas ideológicas dominantes.

## Conclusões

No movimento da revisão integrativa, nos vimos diante de olhares e percepções extremamente valiosas quando se trata de dar voz e ouvidos aos participantes da pesquisa. Destarte, optamos por considerar as vozes dos sujeitos da pesquisa em detrimento de levantar apenas as considerações dos pesquisadores sobre os sujeitos e lócus das pesquisas.

Diante do que tendo em vista que encontramos sentido e significados de lideranças sob a égide das próprias lideranças, o que nos possibilitou conceituar os tipos de lideranças quilombola e sua importância para a comunidade através da perspectiva das comunidades. Chegando a compreensão de que a ação da liderança política (associação de moradores) se fortalece pela da coesão social mantida pelas lideranças informais (religiosa/curandeira tradição/cultural).

Sob essa perspectiva, foi possível identificar que a formação da liderança política se mostra mais atrelada ao pertencimento, identidade coletiva, e que aos movimentos sociais negro e quilombola tem influência significativa nesse processo formativo. Nesse sentido, os Movimentos sociais negro e quilombola, não apenas fortalecem a identidade cultural e a coesão comunitária, como também capacitam as lideranças no processo de articulação das demandas e estratégias de resistência frente às desigualdades sociais estruturais.

Apesar da educação formal não ser o ponto focal do formação de lideranças, ao refletir sobre a ação desses agentes sociopolíticos, torna-se evidente a importância da educação no seu processo formativo, uma vez que se evidenciou a apropriação do acesso às letras como relevante na centralidade e agência dessas lideranças e educação quilombola pauta de suas reivindicações

Nesse cenário, a articulação entre os Movimentos Negro e Quilombola no processo formativo das lideranças, com o Movimento Negro educador, o qual se materializa nas atividades educativas no âmbito da comunidade localizando, agenciando e centralizando essa população. Oferece a esses agentes sociopolíticos direcionamentos sobre as relações étnico-raciais, identidade negra e quilombola, bem como sobre processo de racialização (Duarte; Grossi; Almeida, 2021; Oliveira; Alves, 2021; Costa; Medeiros 2021).

O movimento Negro rompe os discursos distorcidos e naturalizados sobre ser negro, destarte, intersecciona direcionamentos sobre a identidade coletiva e com orientações acerca de direitos territoriais quilombolas, fomentadas pelo Movimento Quilombola. Esses Movimentos munem esses agentes sociopolíticos para articular demandas complexas em um contexto de resistência e transformação social, agência e localização.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal à pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

**Referências:**

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: A teoria de Mudança Social. Trad. Ana Ferreira e Ama Mizani. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

CLEMENTE, Claudelir Correa. Quilombos em Minas Gerais: a titulação em terras de interesse transnacional. **História: Debates e Tendências**, v. 20, n. 3, p. 262-279, 2020.

CORREA, Gabriel Siqueira; SILVA, Carolina Santos da. Disputa e conflito pela implementação de uma educação diferenciada na comunidade remanescente de quilombo de Santa Rita do Bracui. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, n. 2, p. 423-443, 2022.

COSTA, Gilcilene Dias da; MEDEIROS, Oberdan da Silva. Constituição de liderança quilombola no Pará: reflexões para uma pedagogia decolonial. **Interfaces da Educação**, [s. l.], v. 12, n. 34, p. 51-77, 2021. DOI: 10.26514/inter.v12i34.4179. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/4179>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CRUZ, Edna Sousa; TORRES, Bianca de Sousa. Comunidade remanescente de quilombola Ilha de São Vicente: território de memórias, resistências e afeto. **EntreLetras**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 295-315, 2023. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p295-315. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/15183>. Acesso em: 14 nov. 2025.

DUARTE, Joana das Flores; GROSSI, Patrícia Krieger; ALMEIDA, Eliane Moreira. Luta pelo território: as experiências sociais das mulheres quilombolas no âmbito das políticas públicas. **Revista de Políticas Públicas**, 2021.

EUGENIO, Benedito; TAMBORRIELO, Milena Lima; NÓBREGA, Rubia Cristina; SANTOS, Juliana Brito dos. Memórias e histórias da comunidade Quilombola Orquídeo Pereira. **ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas**, [s. l.], v. 5, n. 9, p. 154-179, 2020. DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6613.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales; EITERER, Carmem Lúcia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, p. 63-121, 2020.

FERREIRA, Maria Rosiclaudia dos Santos; SILVA, Whodson. A pedagogia de Valdeci: lutas e papel sociopolítico de uma professora quilombola no Sertão de Pernambuco. **Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, v. 3, n. 1, p. 27-42, 2020.

FLORENCIO, Roberto Remígio; MARTINS, Anne Gabrielle Silva. Aquilombolar-se: exemplo de ressignificação identitária a partir da associação de nova jatobá, em Curaçá-Ba. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 13, p. 183-193, 2020.

FURTADO, Marivânia Leonaro Souza; SILVA, Regiane de Araújo. Das andanças do movimento quilombolas na Amazônia Legal maranhense: uma nova gramática na luta por territórios em conflitos. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 29, n. 2, 2018. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v29i2p%op. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ceru/article/view/155313>. Acesso em: 17 nov. 2025.

GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. **Research in nursing & health**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987. DOI: 10.1002/nur.4770100103 Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/nur.4770100103> Acesso em: 31 out. 2023.

GUEDES, Ana Célia Barbosa; SALGADO, Mayany Soares. A comunidade quilombola Laranjituba/África: breves considerações sobre história, memória e desenvolvimento (Paper 386). **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 2018.

LEÃO, Raphaela et al. Uso de recursos naturais e conflitos socioambientais em territórios quilombolas de salvaterra (Ilha de Marajó, Pará, Amazônia, Brasil). **OKARA: Geografia em Debate**, v. 17, n. 1, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1982-3878.2023v17n1.67035

LEAL, Simoní Portela; BOAKARI, Francis Musa. DO CARREIRO E DA CACIMBA: EXPERIÊNCIAS QUE EXPLICAM AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E “SER GENTE” EM COMUNIDADES. **Educação & Sociedade**, v. 44, e250924, 2023.

LIMA, Hayla Fernanda Moura; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. A comunidade quilombola de queimadas: a luta pelo reconhecimento e valorização da memória/história. **Práxis Educacional**, v. 16, n. 39, p. 520-542, 2020.

MUNIZ, Izadora Nogueira dos Santos; SIQUEIRA, José do Carmo Alves.. Protagonismo feminino no processo de reconhecimento e titulação da comunidade quilombola Kalunga. **Revista Videre**, v. 13, n. 26, p. 67-96, 2021

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; ALVES, Paula Aristeu. Quilombo, território e patrimônio cultural: a visão de duas lideranças. **Revista Farol**, v. 17, n. 24, p. 94-107, 2021.

OLIVEIRA, Patrícia Torme; MATTA, Betânia de Assis Reis. Territórios Quilombolas no Estado do Amazonas e os entraves para o reconhecimento da comunidade de São Francisco do Bauana. **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 18, p. 208-231, 2022.

PINHEIRO, Patrícia Santos. As trajetórias negras encontram a institucionalidade das políticas públicas contemporâneas: ações nas comunidades quilombolas em São Lourenço do Sul, RS. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, [s. l.], n. 44, 2019. DOI: 10.22409/antropolitica2018.0i44.a41802. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41802>. Acesso em: 17 nov. 2025.

REIS, Nathália Dothling. O quilombo são as mulheres”: cosmopolíticas dos cuidados em comunidades quilombolas de Santa Catarina. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v. 7, n. 1, 2020.

ROCHA, João Marinho. Vozes da mata: o movimento social quilombola nas memórias de mulheres do Rio Andirá (2005-2018). **Revista Canoa do Tempo**, v. 11, n. 2, p. 145-176, 2019.

SABINO, Fernanda. A formação do sujeito político a partir das redes pessoais: estratégicas de informação da comunidade quilombola de são benedito no norte fluminense. (SYN) THESIS, v. 11, n. 2, p. 49-64, 2018.

SANTANA, Rosimeiry Souza; EUGENIO, Benedito. A trajetória ocupacional das mulheres negras quilombolas da Lagoa de Maria Clemência. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 14, p. 303-318, 2019.

SANTOS, Marlete Mendes; SANTOS, Pedro Fernando dos. A Educação Quilombola como Elemento de Fortalecimento e Consolidação da Identidade na Comunidade de Conceição das Crioulas **ID on line**. Revista de psicologia, [s. l.], v. 14, n. 53, p. 271–279, 2020. DOI: 10.14295/online.v14i53.2870. Disponível em: <https://online.emnuvens.com.br/id/article/view/2870>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SILVA, Cristiane Dias; AGUIAR, Vinicius Gomes de. Protagonismo Feminino na Busca por Políticas Públicas no Quilombo Cocalinho, em santa fé do Araguaia (TO). **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 10, p. 10-21, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

TEIXEIRA, Érica Samilly Silva; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. Histórias e memórias das lideranças quilombolas de Queimadas: olhares que se cruzam. **ODEERE**, v. 5, n. 9, p. 180-204, 2020.

### **SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)**

#### **Kátia de Oliveira Lima**

Doutora em Educação - PPGE- UFAM; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Educação (GPPE). Atua como assessora pedagógica Secretaria Municipal de Educação de Manaus.

Contribuição de autoria: investigação e escrita.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0506936752110768>

#### **Fabiane Maia Garcia**

Docente do Programa de Pós-graduação em Educação -UFAM. Doutora em Educação pela Universidade de Minho. Líder do Grupo de Pesquisa -GPPE- UFAM, Diretora do Departamento de Programas Institucionais-UFAM, Co-editora da Revista Brasileira de Educação - RBE. Bolsista Produtividade CNPQ PQ-2.

Contribuição de autoria: escrita, orientação e revisão.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0062882509525303>

### **Como referenciar**

LIMA; Kátia de Oliveira Lima; GARCIA, Fabiane Maia. Processo formativo de lideranças quilombolas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, e18475, 2025. DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.18475